>> *Temática Especial*

“Eu vivia me ‘atarracando’ na rua e nem sabia que era luta”: um relato de experiência com o Tarracá em uma escola pública de São Luís (MA)

Mayrhone José Abrantes Farias*

Resumo:

O estudo em questão tem como objetivo apresentar um relato de experiência pedagógica tematizando as lutas em um projeto curricular de uma escola pública municipal situada em uma região periférica de São Luís do Maranhão. O projeto teve como tema “As cores, sabores e gestos do Maranhão” e optou-se por apresentar o Tarracá, que consiste em um jogo/brincadeira popularizado pelo histórico lutador de vale-tudo maranhense denominado Rei Zulu, sob o formato de luta corpo-a-corpo. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, a qual foram propostas duas intervenções pedagógicas em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental. Observou-se na primeira intervenção um movimento de associação por parte das crianças acerca das lutas a aspectos do cotidiano, abrangendo questões relacionadas as mídias, a violência e a experiências prévias com práticas correlatas. Além disso, na segunda intervenção percebeu-se uma forte identificação dos sujeitos com elementos culturais presentes no Tarracá e com os gestos empreendidos por Rei Zulu nos ringues. Por fim, inferiu-se que há a necessidade de ampliação de possibilidades de pesquisa e de propostas pedagógicas tematizando o Tarracá enquanto manifestação cultural maranhense e brasileira.

Palavras-chave:

Educação Física. Práticas corporais. Lutas. Artes Marciais.

“I was always ‘atarracando’ in the street and I didn’t even know it was a fight”: an experience report with Tarracá in a public school in São Luís (MA)

Abstract: The study in question aims to present a pedagogical experience report thematizing the struggles in a curricular project of a municipal public school located in a peripheral region of São Luís do Maranhão. The theme of the project was “The colors, flavors and gestures of Maranhão” and it was decided to present Tarracá, which consists of a game/joke popularized by the historic MMA fighter from Maranhão called Rei Zulu, in the format of wrestling -a-body. For that, a qualitative

* Doutor em Educação Física (UnB). Professor do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: mayrhone@uft.edu.br. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-1641-1950>.

approach research was carried out, which proposed two pedagogical interventions in a 5th grade class of Elementary School. In the first intervention, a movement of association on the part of the children regarding struggles with aspects of everyday life was observed, covering issues related to the media, violence and previous experiences with related practices. In addition, in the second intervention it was noticed a strong identification of the subjects with cultural elements present in Tarracá and with the gestures undertaken by Rei Zulu in the rings. Finally, it was inferred that there is a need to expand research possibilities and pedagogical proposals thematizing Tarracá as a Maranhão and Brazilian cultural manifestation.

Keywords: Physical Education. Bodily practices. Fights. Martial arts.

“Yo siempre estaba ‘atarracando’ en la calle y ni siquiera sabía que era una pelea”: relato de experiencia con Tarracá en una escuela pública de São Luís (MA)

Resumen: El estudio en cuestión tiene como objetivo presentar un relato de experiencia pedagógica que tematiza las luchas en un proyecto curricular de una escuela pública municipal ubicada en una región periférica de São Luís do Maranhão. El tema del proyecto fue “Los colores, sabores y gestos de Maranhão” y se decidió presentar Tarracá, que consiste en un juego/broma popularizado por el histórico peleador de MMA de Maranhão llamado Rei Zulu, en el formato de lucha libre -a -cuerpo. Para ello, se llevó a cabo una investigación de enfoque cualitativo, en la que se propusieron dos intervenciones pedagógicas en una clase de 5º grado de Educación Primaria. En la primera intervención, se observó un movimiento de asociación por parte de los niños en torno a las luchas con aspectos de la vida cotidiana, abordando temas relacionados con los medios, la violencia y experiencias previas con prácticas relacionadas. Además, en la segunda intervención se notó una fuerte identificación de los sujetos con elementos culturales presentes en Tarracá y con los gestos realizados por Rei Zulu en los cuadriláteros. Finalmente, se infirió que existe la necesidad de ampliar las posibilidades de investigación y propuestas pedagógicas tematizando a Tarracá como manifestación cultural maranhense y brasileña.

Palabras clave: Educación Física. Prácticas corporales. Peleas. Artes marciales.

Delineamentos iniciais

Os significados relacionados às lutas são dos mais diversos, trazendo a reboque diferentes formas de expressão, linguagens, organização, bem como de gestos técnicos acerca delas (CORREIA; FRANCHINI, 2010). Desse modo, para problematizarmos especificidades das lutas enquanto conteúdos da Educação Física escolar, precisamos, antes de tudo, situarmos tais manifestações enquanto parte do acervo da Cultura corporal, reconhecendo suas “[...] formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas” (SOARES *et al.*, 1992, p. 38).

Com base nisso, podemos inferir que as lutas carregam consigo um repertório de práticas culturais que revelam traços históricos de povos e civilizações de todos os lugares do mundo. Dessa maneira, a abordagem das lutas na escola precisa acontecer a partir de propostas que reconheçam a variedade de possibilidades que elas se manifestam, reverberando em abordagens distintas na construção de uma pedagogia das lutas (RUFINO; DARIDO, 2015).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), na unidade temática das lutas, as crianças do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental precisam ter acesso a expe-

riência e recriação de diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional, abrangendo, as lutas de matriz indígena e africana.

Sendo assim, faz-se necessário lançarmos olhares ao que faz parte do cotidiano, das especificidades locais, identificando e caracterizando as práticas corporais de luta tornando-as (re) conhecidas. Portanto, realizamos este estudo de natureza qualitativa cujo objetivo é apresentar um relato de experiência pedagógica tematizando as lutas em um projeto curricular de uma escola pública municipal situada em uma região periférica de São Luís do Maranhão. A prática escolhida para ser tematizada nas intervenções foi o Tarracá, um jogo/brincadeira popularizado pelo histórico lutador de vale-tudo maranhense, Casemiro Nascimento Martins, denominado Rei Zulu, sob o formato de luta corpo-a-corpo (AWI, 2012).

Sobre as intervenções

A experiência foi sistematizada no contexto de um projeto que compunha o calendário anual da escola elencada para a pesquisa, intitulado “As cores, sabores e gestos do Maranhão”. O projeto tinha como principal finalidade proporcionar às crianças saberes e fazeres relacionadas a cultura do estado, sob as mais diversas perspectivas, abrangendo, inclusive as práticas corporais.

Nesse sentido, fui convidado para desenvolver junto a turma de 5º ano da escola a temática de lutas no Maranhão. Ao iniciar os processos de planejamento do projeto a professora responsável pela turma comentou: “Professor, teria como ver alguma coisa diferente para as crianças? Todo ano aqui só tem Capoeira, Capoeira... eles adoram, mas como o senhor entende de luta, poderia ver alguma coisa pra variar [...]”. A fala da professora soou como um grande desafio, pois os próprios documentos curriculares do município e do Estado não apresentavam muitas alternativas para além da própria Capoeira.

Além disso, considerando as dificuldades em relação aos espaços físicos para a prática da Educação Física na escola e o compartilhamento do projeto com outras disciplinas, foi solicitado pela gestão que eu propusesse uma ação curta, de no máximo dois dias, privilegiando mais a exposição das manifestações do que necessariamente as suas vivências junto às crianças. Confesso que me gerou um pouco de frustração, em um primeiro momento, mas busquei alternativas para potencializar ao máximo aquele momento formativo para elas.

Passados alguns dias da reunião com a professora da turma e com muitas dúvidas ainda de como abordar as lutas no contexto cultural maranhense para além da Capoeira, curiosamente, obtive a resposta com as próprias crianças. No momento do recreio, transitando próximo a um dos bebedouros do pátio coberto da escola observei dois garotos aparentemente brincando de “lutinha”. Eles se abraçavam e empurravam ao mesmo tempo, ambos realizando movimentos com os pés muito parecidos com uma espécie de rasteira, popularmente falando. Durante os “golpes” sorriam bastante contagiando todos os colegas que estavam ao redor.

A professora, ao observar a cena, saiu em direção com notório desespero e gritou: “Parem de se ‘atarracarem’ meninos”. A expressão “atarracar” mencionada pela professora é muito comum em cidades do interior do Maranhão utilizada com o sentido de “agarrar” e/ou “apertar” algo ou alguém. Para além do apego ao significado da palavra, a cena protagonizada pelas crianças recuperaram em minha memória o Tarracá, luta de um grande campeão de vale-tudo entre as décadas de 70 e 80, maranhense, o Rei Zulu. As pegadas de Zulu, a pele negra brilhante, seu porte físico avantajado, seus trejeitos, se mostraram profícuos para problematizar a cultura maranhense por meio do conteúdo lutas, com isso, elencamos ali o tema de nossas atividades no projeto.

Assim, propusemos nossa intervenção com a turma de 5º ano da referida escola, composta por 26 crianças, sendo 14 meninas e 12 meninos, com faixa etária entre 10 e 14 anos. Foram dois dias de atividade, de aproximadamente 60 minutos cada, em que buscamos, em um primeiro momento,

discutir o conceito de lutas a partir do ponto de vista das crianças, para assim, em sequência, (re) conhecerem o Tarracá enquanto manifestação cultural maranhense.

Além disso, em atendimento aos princípios éticos de pesquisa, sublinho que foi elaborado e encaminhado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os responsáveis pelas crianças que participaram do estudo. Os momentos de roda de conversa foram registrados por um gravador de voz, com a ciência da gestão da escola, pais e crianças, já as interações ao longo das intervenções foram descritas em um diário de campo. Ademais, como forma de resguardar a identidade dos sujeitos utilizamos nomes fictícios atribuídos pelas próprias crianças.

As lutas sob o ponto de vista das crianças

Na primeira intervenção optei por discutir o conceito de lutas a partir do ponto de vista das crianças. Neste momento introdutório expus seis gravuras relacionadas ao universo das lutas, sendo elas: 1) Uma luta de MMA ocorrendo em um octógono; 2) Uma cena do filme Kung Fu panda; 3) Um lutador de Karate executando um Kata; 4) Uma roda de capoeira; 5) Dois indígenas lutando o Huka-huka; e 6) Duas crianças brincando de lutinha. As crianças foram dispostas sentadas em uma roda no meio do pátio coberto da escola e as gravuras seguiram passando de mão em mão. Ressalto que as imagens foram impressas coloridas em folhas de papel cartão, que foram plastificadas para um melhor manuseio das crianças.

Após todos observarem as imagens as coloquei ao centro da roda e propus a seguinte questão problematizadora: “O que vocês perceberam em comum em todas as imagens observadas?”. Logo de imediato, Neymar (10 anos) respondeu, sorridente: “Muita pancadaria!”. Goku (10 anos), interpondo a fala do colega, gritou: “Eita, como tu é burro! Tu não tá vendo que é um monte de luta?”. Agradei a resposta dos dois e solicitei que mantivessem o respeito nos momentos de debate em nossa roda de conversa. Logo em seguida uma garota, a Ludmilla (10 anos), pediu a fala e respondeu: “Tio, são várias brigas... Algumas de faz de conta como a do urso [Kung-Fu panda], outras de verdade, como a do UFC”. Após a fala da colega, Anita (11 anos), que estava ao lado, acrescentou: “Eu acho essas coisas de luta tão violentas. Outro dia vi meu tio assistindo no computador e os caras cheios de sangue [...]”. O comentário de Anita promoveu descontentamento em Mc Livinho (10 anos), que balbuciou perto de mim: “Essa daí não sabe o que é violência. Violência é o pau que rola lá perto de casa. Tiro, garrafada... Sábado agora tinha um corpo estendido no chão lá de um doido todo furado de facada”. Eu soube do episódio que foi relatado por Mc Livinho, no entanto fiquei assustado com a naturalidade que o garoto narrou a situação. Após o comentário de Mc Livinho, acabou ocorrendo um amplo debate entre as crianças sobre o que seria briga e o que seria luta, que me chamou bastante a atenção positivamente, uma vez que não precisei intervir de forma muito incisiva na mediação das reflexões.

Ao perceber que as discussões estavam muito pulverizadas, realizei outro questionamento: “Qual a diferença de luta para briga, na opinião de vocês?”. Samurai (11 anos), de prontidão e transparecendo serenidade, comentou: “Tio, briga é violência de verdade. Bater até matar. Luta é disciplina e respeito. Eu luto Jiu-jitsu e a gente aprende a não brigar e não machucar os outros, não caçar confusão [...]”. Ao ouvir a fala de Samurai, mais três crianças manifestaram praticar lutas, dentre elas, Naruto (10 anos), que expôs: “Eu treinei Karatê pequenininho [...] A gente aprendia que briga é coisa de gente ruim [...] lutar é não sair dando ‘bogue’¹ na loucura, a gente pode brincar de luta, sem matar. Eu brinco até hoje [...]”. Esboçando muita inquietação e levantando da roda, Cristiano Ronaldo (12 anos) gritou após a fala de Naruto: “Então pra quê aprender isso? Se for pra não meter porrada pra quê eu vou aprender Karatê? A graça é dá-lhe ‘bogue’¹ doido nos outros”.

1 Expressão muito utilizada no estado para designar socos ou golpes desferidos com o punho cerrado.

Todos sorriram da fala do garoto e ela acabou sendo um subterfúgio importante para discutirmos melhor essas impressões expostas por eles.

Em linhas gerais, as crianças expuseram perspectivas de luta que giram em torno de suas experiências cotidianas que abrangem representações veiculadas pelas mídias, atos de violência ocorridas na comunidade em que vivem, vivências com modalidades de lutas e/ou artes marciais, além de momentos vividos envolvendo o brincar de lutar.

Nesse sentido, essas manifestações acabam por representar um jogo complexo em que a criança se depara com “cicatrices sociais”, sendo que estas são sentidas no seu próprio corpo. Uma dessas cicatrizes é a violência, que, ao mesmo tempo em que aponta para um elemento de degradação humana, serve como reguladora das relações. Expondo limites e frestas inabitáveis entre os sujeitos, possibilita que a criança identifique, interprete e (re)construa regras de convívio. Esse convívio perpassa pelo reconhecimento do próprio corpo e do corpo do outro em disputa, onde é criada por elas mesmas e pela escola, uma estrutura de controle da agressividade (FARIAS; WIGGERS, 2015).

Portanto, puxões, empurrões, gestos de luta podem revelar-se mais que atos que denotam a agressão do outro, carregando vários significados subjacentes (FARIAS; WIGGERS, 2021). Podem apresentar as mais diversas simbologias de forma que a brincadeira possa ser “a luta por alguma coisa ou a representação de alguma coisa”, ou que “[...] passe a ‘representar’ uma luta, ou, então, se torne uma luta para melhor representação de alguma coisa” (HUIZINGA, 2005, p. 16), que fazem parte do jogo de descobertas corporais.

As crianças (re)conhecendo o Tarracá

Na segunda intervenção busquei apresentar elementos mais específicos acerca do Tarracá. Como é uma prática corporal, ao que tudo indica, não muito difundida, procurei artifícios para uma melhor caracterização junto às crianças. A aula foi realizada na sala de vídeo da escola e, inicialmente, expus no *Datashow* uma entrevista de Rei Zulu apresentada em um programa de televisão² e, em seguida, utilizei de um trecho de uma matéria publicada em uma revista³ da década de 90 que reafirmava algumas das informações expostas no documentário e trazia outros traços da história de vida de Zulu que agregavam características importantes para compreendermos o Tarracá. O trecho foi digitalizado por mim e impresso em seis versões, para que as crianças pudessem fazer a leitura e discussão em equipes compostas por no máximo cinco participantes.

Sobre a entrevista apresentada Rei Zulu foi retratado como uma das figuras mais inusitadas do Brasil. O lutador maranhense ficou famoso nos cenários de luta-livre em todo Brasil na década de 1970. O porte físico de Zulu aos 60 anos e as técnicas aparentemente rústicas chamavam a atenção das crianças durante a apresentação do vídeo. Na apresentação da luta, partes que mais causavam euforia, Zulu demonstrou destreza ao carregar e projetar seus adversários ao chão.

Nascido em Bequimão, na Baixada maranhense, Zulu, desde cedo, aprendeu com o pai pescador e com os vários irmãos a brincadeira de se “atarracar” na beira do rio. Observando a participação desde a juventude em uma manifestação quase que folclórica local, percebemos a influência do entorno na educação do corpo de Zulu. De acordo com Elias e Dunning (1992), as sociedades humanas trazem uma renovação emocional num plano simbólico, a partir de ativi-

2 A entrevista foi concedida ao repórter Maurício Kubrusly no quadro “Me leva Brasil” do programa Fantástico da rede Globo de televisão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ezK2Q2VmVM>.

3 Revista Trip (1999), 69ª Edição. Utilizamos tal material para a intervenção devido à escassez de registros acerca do tema. Destaca-se que a referida revista não era destinada para o público infanto-juvenil, no entanto, tivemos o cuidado de selecionar e imprimir apenas duas páginas de uma reportagem realizada com Rei Zulu, cujas informações eram possíveis de serem acessadas pelas crianças, sem nenhum conteúdo restrito.

dades equivalentes aos jogos, danças, cerimoniais, confrontos simulados etc. Estas práticas são constituídas por valores sociais e espirituais que, em dadas circunstâncias, têm no lúdico seu formato fundamental. O corpo neste contexto pode ser compreendido como elo entre o indivíduo e a comunidade, ou como vetor semântico, conforme Le Breton (2006), uma vez que se constitui como elemento primordial de socialização e de aprendizados culturais.

Destaco que, segundo os relatos, Rei Zulu nunca frequentou escolas ou academias de luta. De acordo com Awi (2012), a sua luta, o Tarracá, representava uma mistura de dança e brincadeira criada por negros e índios do interior do Maranhão. Nesse bojo, para abordar uma possível influência indígena no Tarracá, recorremos a Almeida e Suassuna (2010). Em pesquisa realizada nos jogos indígenas identificaram algumas lutas corporais específicas de cada etnia, dentre as quais: o *Uka-Uka*, praticada pelos povos situados no Parque Nacional do Xingu e Bakairi do Mato Grosso; o *Iwo*, dos Xavante em todo Mato-grosso; o *Idjassú* dos Karajá da Ilha de Bananal; e o *Aipenkuit* praticada pelo povo Gavião Kykatejê do Estado do Pará. As práticas observadas têm como características básicas, segundo os autores, a disputa entre dois lutadores com o objetivo de desequilibrar e derrubar o oponente, traços que de certa forma apresentam similaridades com o Tarracá.

Já no que se diz respeito a matéria de revista apresentada para as crianças, Zulu descreve que utilizava no ringue além de gestos engraçados, golpes contundentes como tapas e cabeçadas. O lutador mencionou também especificidades técnicas do Tarracá, que consistiria em um “[...] tipo de combate onde os lutadores se mantêm a maior parte do tempo agarrados um ao outro, na tentativa de derrubar o adversário. Caiu, perdeu” (REI ZULU, 1999, p. 52).

Na matéria Zulu sublinhou que “No Pontal, para suar e poder tomar banho a gente ia para o Tarracá. Como quem joga bola, sabe? Quando ia para as festas, na hora que acabava descia aquela turma toda para tarracar na grama”. O lutador destacou, ainda, que ao término dos duelos “[...] era todo mundo amigo, ninguém ficava com raiva de ninguém [...]” (REI ZULU, 1999, p. 54).

Faria Júnior (1996), que traz uma abordagem específica dos jogos tradicionais, coloca que muitas das brincadeiras de origem indígena se perderam com o imperialismo europeu. O autor aponta que no Brasil a grande maioria dos jogos populares são oriundos da Europa, vindos com os colonizadores e imigrantes. Pensando em uma possível influência europeia citamos o escritor português Antonio Cabral (1985) em seu livro *Jogos Populares Portugueses*. O escritor apresentou alguns elementos da cultura lúdica do seu país, dentre elas, descreveu a “Maluta ou Queda”, uma forma de luta tradicional semelhante à luta Greco-romana praticada em várias aldeias ao longo do distrito. Cabral apresenta a luta como tecnicamente rudimentar em que os homens das zonas rurais medem forças com o objetivo de derrubar o oponente com as costas no chão. Segundo Cabral (1985, p. 180-181): “Na Maluta ou Queda, os dois lutadores agarram-se, passando um dos braços por cima do ombro do adversário e o outro por baixo, entrelaçando os dedos das mãos, assentes sobre as costas do adversário e o outro por baixo [...]”.

Cabral (1985) elucida que objetivo das lutas são saudáveis, uma vez que os participantes continuam amigos após medirem suas forças. Esse respeito mútuo independe do resultado ou de qualquer acontecimento que possa ter ocorrido durante a busca pela vitória. Muitos aspectos descritos pelo autor acerca da Maluta ou queda, podem ser observados no Tarracá descrito por Zulu, como a influência do espaço rural e interiorano, elementos técnicos representados no ato de derrubar o adversário, bem como o respeito e amizade pós-luta são identificadas.

Com isso, o elemento lúdico parece ter um apelo muito forte no Tarracá, ao passo também que expõe a linha tênue entre o lutar/brigar e o brincar. É atribuída por Zulu a conotação de diversão da manifestação no trecho: “Eu vou lutar sem revolta, não para lhe matar, para quebrar braço. [...] é um jogo, uma festa. Quero ganhar, mas... é uma brincadeira, uma coisa que faço por amor” (REI ZULU, 1999, p. 54).

O relato de Zulu também encontra eco nas compreensões de Geertz (1989) acerca da necessidade do controle cuidadoso de estímulos de raiva, medo na vida em sociedade. O autor cita

exemplos do que ele chama de mecanismos culturais que asseguram a estabilidade destes estímulos. Um deles trata das lutas de campeonato, que segundo ele, acendem sensações e comportamentos hostis da mesma forma que são contidos por um forte sentimento institucionalizado de cortesia.

De mais a mais, após a apresentação dos vídeos e a leitura em grupo da matéria, organizamos as cadeiras em um círculo e começamos a conversar sobre o Tarracá. Antes que iniciasse as orientações daquele momento, Cristiano Ronaldo (12 anos), realizou movimentos alusivos aos Rei Zulu se projetando ao chão, gritando: “Eu sou o Reizinho Zulu! Sou pretão igual ele. Quero ser lutador também e quebrar os maluco de porrada”. Os colegas, assim como na aula anterior, sorriram muito e outros também começaram a esboçar gestos das lutas observadas nos materiais analisados.

Após o alvoroço inicial, abri espaço para que comentassem o que chamou mais a atenção deles nos materiais analisados. Vários levantaram a mão solicitando a fala, então escolhi uma garota que ainda não havia participado, a Larissa Manoela (10 anos), que comentou: “Achei engraçado as caretas, tio [...]. Mesmo parecendo brincadeira ele lutava de verdade”. Em seguida, Vegeta (10 anos), destacou: “Eu achei muito massa as carregadas do Rei Zulu [...]. Os caras nem se mexiam”. Na esteira desse comentário, Messi (13 anos) comentou fazendo caretas e realizando alguns movimentos em pé: “Ele dava um ‘balão’ nos caras e depois enchia de tapa de mão aberta no pé da orelha. Não sei como os maluco não morriam”. O comentário de Messi gerou novamente muita euforia na turma que gritava e realizava os gestos de Rei Zulu. Algumas crianças inclusive se agarraram, tentando derrubar uns aos outros. De imediato, interpelei os movimentos e os alertei que aquele não era ainda o momento de vivenciarmos o Tarracá e que o objetivo era de entendermos melhor a prática, para assim, explorar os movimentos em outra oportunidade. Após minhas considerações, realizamos mais um bloco de comentários das crianças, sendo que uma em especial, me chamou a atenção, o de Neymar (10 anos): “Tio, acho que eu vivia me ‘atarracando’ na rua e nem sabia que era luta, [...] já posso lutar no UFC”.

Considerações finais

Em linhas gerais, tomando como referência os objetivos propostos pelo projeto da escola, a intervenção cumpriu com as expectativas, sobretudo, por disponibilizar para as crianças o acesso a uma prática corporal genuinamente maranhense, imersa em particularidades culturais locais. A proposta de intervenção, em suma, girou em torno da busca por elementos caracterizassem as lutas em geral, em um primeiro momento, e o Tarracá em sequência, articuladas ao processo criativo e interpretativo das crianças.

No momento de problematização do conceito de luta identifiquei que as crianças expuseram perspectivas que perpassam suas experiências cotidianas que contemplam representações midiáticas das práticas, episódios de violência que vivenciaram nos locais onde vivem, além de vivências com modalidades diversas de lutas/artes marciais ou com brincadeiras de “lutinha”. Já em relação a intervenção que tematizou diretamente o Tarracá, seja como brincadeira ou como luta, tal prática revelou-se uma manifestação presente no dia-a-dia das crianças, inclusive, dentro da própria escola enquanto se “atarracam” no recreio.

Chamaram a atenção das crianças o personagem pitoresco que representa o Rei Zulu, gerando forte identificação a partir dos relatos das próprias crianças. Ademais, o forte apelo lúdico ultrajando gestos técnicos eficientes de combate, de certo modo, permearam o imaginário dos sujeitos que em vários momentos imitavam os gestos.

Em contas finais, um ponto a ser destacado é que a breve experiência aqui relatada representa apenas uma pequena faceta do amplo universo de possibilidades de intervenções pedagógicas e de pesquisa que o Tarracá oferece. A escassez de literatura se configura enquanto um desafio a ser enfrentado na busca por novos horizontes na composição de objetos que circundem a temática. Isto,

pois, a luta/brincadeira popularizada por Rei Zulu possui peculiaridades que devem ser levadas à tona e melhor problematizadas no campo da Educação Física maranhense e brasileira.

Referências

- ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; SUASSUNA, Dulce Maria Figueira de Almeida. Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas. *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 53-71, out./dez. 2010.
- AWI, Felipe. *Filho Teu Não Foge à Luta: Como os Lutadores Brasileiros Transformaram o MMA em um Fenômeno Mundial*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.
- CABRAL, Antonio. *Jogos Populares portugueses*. Porto: Editorial Domingos Barreira, 1985.
- CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 1, p. 1-9, jan./mar. 2010.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel Editora, 1992.
- FARIA JÚNIOR, Alfredo de. A reinserção dos jogos populares nos programas escolares. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 9, p. 44-64, 1996.
- FARIAS, Mayrhone José Abrantes; WIGGERS, Ingrid Dittrich. É como se fosse um ringue de mentirinha: brincadeiras de luta, cotidiano e culturas infantis na escola. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, DF, v. 43, p. 1-8, 2021.
- FARIAS, Mayrhone José Abrantes; WIGGERS, Ingrid Dittrich. Cotidiano e práticas corporais infantis: o lúdico e a violência em cena. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 58-73, set. 2015.
- GEERTZ, Clifford. A. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.
- LE BRETON, David. *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- REI ZULU. *O último gladiador romântico*. [Entrevista cedida à] Revista TRIP. *TRIP*, São Paulo, n. 69, abr. 1999. Editor Paulo Lima.
- RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. *O ensino das lutas na escola: possibilidade para a Educação Física*. Porto Alegre: Penso, 2015.
- SOARES, Carmen Lúcia et al. *Metodologia do ensino de educação física*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

Data de submissão: 29/03/2023

Data de aceite: 28/04/2023